

Junho 2025

CARTA MENSAL



BNP PARIBAS
ASSET MANAGEMENT

O investidor
sustentável para um
mundo em mudança



- Gilberto Kfour Jr. -

CIO BNP Paribas Asset Management Brasil

// Caros leitores,
É com grande satisfação que apresentamos a edição deste mês da nossa Carta Mensal. Neste documento nossa equipe de gestão compartilha sua visão sobre os principais acontecimentos do mercado e suas perspectivas diante de um mundo em mudança.
Agradecemos pela confiança depositada em nosso trabalho e esperamos que essa carta contribua para sua compreensão do atual cenário de investimentos.

Atenciosamente,

Gilberto Kfour Jr.
Chief Investment Officer
BNP Paribas Asset Management Brasil

//



ECONOMIA



- Andressa Castro -

Economista-chefe

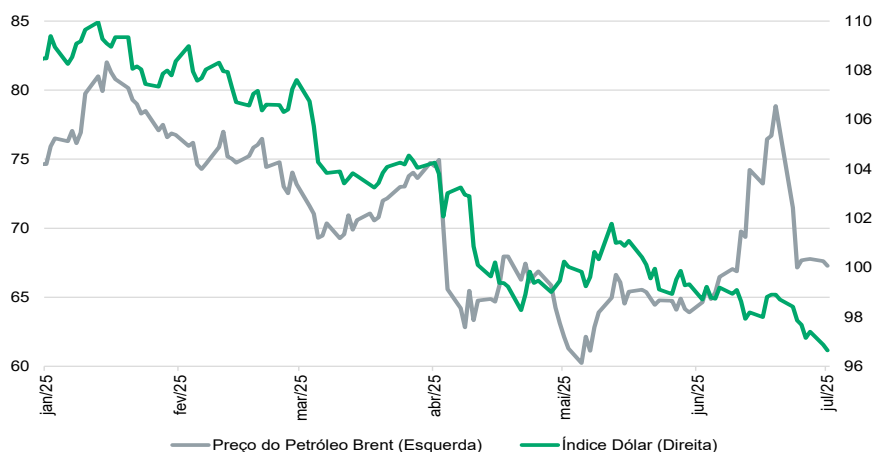
// HISTORICAMENTE, EM MOMENTOS DE STRESS E AVERSÃO AO RISCO, O DÓLAR SE VALORIZAVA FRENTE AOS PARES, POR SE CARACTERIZAR COMO "PORTO-SEGURO" DOS INVESTIDORES. OPOSTAMENTE, NESTE ÚLTIMO EPISÓDIO, O DÓLAR NÃO ENTROU NO HALL DOS ATIVOS MAIS BUSCADOS PARA PROTEÇÃO(...)



ECONOMIA INTERNACIONAL

Em junho, o conflito entre Israel e Irã dominou as discussões no mercado internacional. Em poucos dias, houve um agravamento do conflito (incluindo a possibilidade de fechamento do estreito de Hormuz) e uma subsequente desescalada (após o envolvimento dos EUA) na direção de um cessar-fogo, levando a uma volatilidade relevante nos preços do petróleo. No entanto, o que mais chamou a atenção diante dessa volatilidade foi o comportamento global do dólar. Historicamente, em momentos de stress e aversão ao risco, o dólar se valorizava frente aos pares, por se caracterizar como "porto-seguro" dos investidores. Opostamente, neste último episódio, o dólar não entrou no *hall* dos ativos mais buscados para proteção e prosseguiu em sua tendência de desvalorização observada desde o início do ano.

Gráfico 01
Dólar vs Petróleo



Fonte: Bloomberg. Elaboração: BNPP AM Brasil. Data base: 1 de julho de 2025.

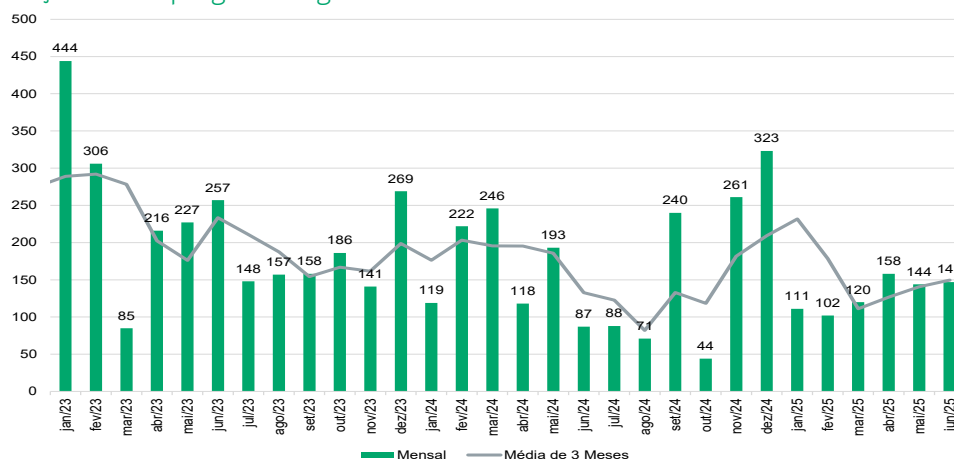
Isso indica que o mercado global continua buscando outros destinos ex-EUA para alocação de capital após diversos anos de uma "sobrealocação" em ativos americanos. Esse movimento tem sido alimentado por um receio de um esfriamento da economia americana causado pelo aumento das tarifas e redução de imigração, combinado a uma elevação do risco fiscal americano agravado pela aprovação da "", pacote fiscal responsável pela ampliação dos cortes de impostos (além da extensão do atual), acompanhado de cortes de gastos em menor magnitude, elevando o déficit de

forma relevante nos próximos anos.

Outro evento aguardado pelo mercado e que poderia reforçar o movimento atual de enfraquecimento do dólar global são os possíveis cortes de juros pelo Fed (Federal Reserve). Até então, o Fed tem mantido a taxa em 4,25%-4,50%, aguardando os desdobramentos econômicos causados pelo aumento das tarifas de importação. Por um lado, é esperado que a inflação acelere por maiores custos de produtos e insumos importados. Por outro lado, é possível que ocorra uma desaceleração da atividade, impactada pelo aumento de incerteza e perda de poder de compra. Para o Fed, cada um desses efeitos acarretaria respostas opostas de política monetária.

A foto atual da economia americana aponta para um mercado de trabalho resiliente e uma desaceleração da inflação. A criação mensal de empregos está em ritmo saudável, o que permite ao Fed esperar para coletar mais dados e observar o efeito das tarifas. Paralelamente, a inflação tem apresentado um comportamento benigno, corroborando o corte, mas as próximas leituras serão essenciais para confirmar o possível repasse inflacionário. Segundo as projeções dos membros do Fed, o cenário base (mediana) sugere dois cortes de juros ainda este ano, em linha com a precificação atual do mercado. No entanto, a concretização desse cenário dependerá da evolução das variáveis mencionadas daqui para frente.

Gráfico 02 EUA: Criação de Empregos ex-Agricultura



Fonte: Bureau of Labor Statistics. Elaboração: BNPP AM Brasil. Data base: 30 de junho de 2025.

ECONOMIA BRASILEIRA

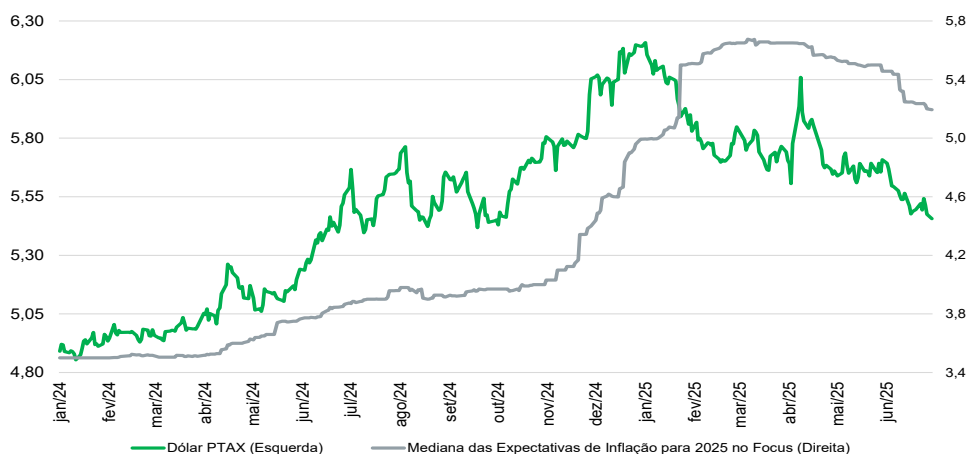
Diante da desvalorização do dólar no mundo, o real tem apresentado um desempenho positivo – se destacando perante os pares – apesar das incertezas domésticas envolvendo o futuro das contas fiscais, os ruídos entre Congresso e Executivo e a indefinição acerca das eleições no ano que vem. A melhora do câmbio acompanhada de uma desaceleração da atividade e o fim do ciclo de alta de juros têm contribuído para uma performance benigna dos ativos domésticos, incluindo o fechamento das curvas de juros e a alta da bolsa.

De fato, a valorização do real traz uma perspectiva mais otimista para a nossa dinâmica inflacionária. Caso o câmbio se consolide nos patamares atuais (próximo a 5,45), o repasse seria relevante, via redução de preços de gasolina, desaceleração da inflação de alimentos e de bens industriais. Isso levaria a uma queda nas expectativas de inflação, medida pela pesquisa Focus, tanto de 2025 (movimento que já vem ocorrendo devido ao ajuste do câmbio) quanto de 2026, ajudando a inflação a retornar ao limite de tolerância da meta ao final do ano que vem, segundo as nossas projeções.

// SEGUNDO A NOSSA ANÁLISE A PARTIR DO MODELO DO BC, NO CENÁRIO MENCIONADO DE CÂMBIO RODANDO EM 5,45 DE FORMA CONSISTENTE, SERIA POSSÍVEL INICIAR OS CORTES NO INÍCIO DE 2026. //

Gráfico 03

Brasil: Taxa de Câmbio vs Expectativas de Inflação de 2025

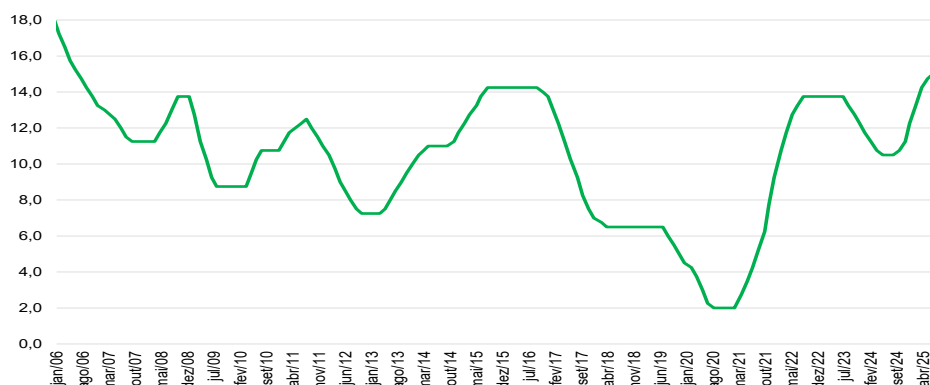


Fonte: Banco Central do Brasil. Estimativas e elaboração: BNPP AM Brasil. Data base: 30 de junho de 2025.

Isso também facilitaria o trabalho do Banco Central (BC), que trouxe a taxa de juros para os maiores patamares dos últimos 19 anos para conseguir controlar a inflação. Em sua última reunião, o BC optou por elevar a Selic em 25 bps, para 15%, interrompendo o ciclo neste patamar para avaliar os efeitos do aperto atual sobre a atividade e inflação. Agora, o mercado se concentra em projetar quando se iniciará o ciclo de corte de juros, bem como sua magnitude. Segundo a nossa análise a partir do modelo do BC, no cenário mencionado de câmbio rodando em 5,45 de forma consistente, seria possível iniciar os cortes no início de 2026. No entanto, se o real voltar a flutuar em patamares mais desvalorizados, o BC terá que prolongar a manutenção da taxa de juros nos níveis atuais.

Gráfico 04

Brasil: Taxa Selic (%)



Fonte: Banco Central do Brasil. Estimativas e elaboração: BNPP AM Brasil. Atualizado em junho/2025.

Para frente, além da dinâmica inflacionária derivada do câmbio, acreditamos que o ritmo da atividade econômica será determinante para a definição do início do ciclo de corte de juros. Visualizamos um enfraquecimento das atividades mais ligadas ao crédito ao longo desse ano, respondendo ao aperto monetário. Já é possível observar alguns sinais disso em dados como comprometimento de renda, inadimplência, produção industrial de bens de capital e de bens duráveis e o consumo de veículos e de

móveis e eletrodomésticos. Por outro lado, esperamos uma resiliência de atividades ligadas a renda, devido à força do mercado de trabalho e impulso fiscal positivo no segundo semestre relacionado ao pagamento de precatórios e à liberação de emendas, que foram represadas durante o 1º semestre.

Um risco para esse cenário otimista (de desinflação e corte de juros) seria o agravamento da relação entre Governo e Congresso. Embora o cumprimento das regras fiscais esteja bem encaminhado neste ano, o alcance da meta de primário no ano que vem se torna cada vez mais desafiador diante dos atritos entre esses dois Poderes. Além da não-aprovação de projetos que aumentariam a arrecadação do governo, cresce a possibilidade de aprovação de pautas bomba ou de projetos como a elevação do piso de isenção do IR ou reajuste do bolsa família, mas sem a devida compensação, levando a um rombo nas costas públicas.

RENTA FIXA E MULTIMERCADO



- Michael Kusunoki -

Head Renda Fixa & Multimercados

// COM O FIM DO CICLO DE ALTA, O QUE ESTÁ EM JOGO AGORA É O MOMENTO QUE SE INICIARIA O CORTE, BEM COMO O TAMANHO DO PRÓXIMO CICLO. //

Há razões para otimismo?

N a carta passada, elencamos alguns pontos que permitiam algum grau de otimismo: uma trajetória mais benigna da inflação no segundo semestre, por conta da valorização do BRL e devido ao recuo de preços das commodities; e a possibilidade de recuo da atividade econômica mais acentuada que o esperado. Os dados divulgados desde então reforçaram esses pontos, com a surpresa do IPCA de maio, abaixo do esperado, e a criação de vagas de trabalho medida pelo CAGED (Cadastro Geral de Empregados e Desempregados), também menor que o consenso projetava.

Há novos elementos que poderiam se juntar a essa lista de possíveis catalisadores de queda de juros. O mais notável é o excelente desempenho do real, que se valorizou 4,6% somente em junho, ampliando o potencial de desinflação pelo câmbio a frente. Outro ponto favorável foi a queda das expectativas para o IPCA de 2025 observada no Focus, que do topo de 5,66%, caiu para 5,20%. O interessante é que tal movimento aconteceu com o IPCA de 2026 permanecendo intacto em 4,50%. Estaria essa expectativa mais longa, que abrange o horizonte relevante do BC, atrasada? Se sim, uma queda do Focus 2026 teria repercussões positivas sobre a curva de juros.

Com o fim do ciclo de alta, o que está em jogo agora é o momento que se iniciaria o corte, bem como o tamanho do próximo ciclo. Nos próximos meses, o BC tende a perder o protagonismo na agenda de curto prazo, dado que não se espera movimentos de Selic nas próximas reuniões. Portanto, a calibragem do ciclo seguinte será moldada pela dinâmica dos dados correntes de inflação e atividade, sendo que esta embute um potencial de surpresa maior, dado que parte relevante dos agentes permanecem céticos quanto a queda mais pronunciada do crescimento econômico.

De externo, a incerteza geopolítica escalou com o conflito Irã-Israel, entretanto com consequências bastante limitadas, mesmo no preço do petróleo, que se manteve na faixa de 65,00-80,00 dólares o barril (Brent). Por fim, a expectativa de corte de juros nos EUA foi bem desidratada a preços de mercado, ou seja, caso o cenário se incline para possibilidade de cortes em mais que duas reuniões até o fim do ano, isso teria efeito positivo para a curva de juros lá e aqui no Brasil.

Portanto, vemos razões para otimismo na renda fixa. A acurácia na prospecção dos dados de curto prazo proporcionará uma vantagem crucial nesta fase em que o mercado testará tanto o momento do início do próximo ciclo de juros, mas também o tamanho desse ciclo futuro, que a curva de juros certamente antecipará.

Fizemos modificações no perfil do portfólio. Estamos com maior equilíbrio entre risco pré-fixado e NTN-B, que foi feito com troca de parte do *book* de juro real por nominal. Ajustamos também o orçamento de risco para cima, com incremento de posições pré-fixadas na carteira.

CRÉDITO PRIVADO



- Henri Rysman
de Lockerente -

Head de Crédito Privado

// MESMO DIANTE DESSE CENÁRIO ATUAL COM OS BAIXOS NÍVEIS DE SPREAD DE CRÉDITO SOBRE AS NTN-BS, A DEMANDA PARA OS PAPÉIS INCENTIVADOS SEGUE FORTE, EXPLICADA PELA QUESTÃO DO BENEFÍCIO TRIBUTÁRIO DESSA CLASSE DE ATIVOS E PELO NÍVEL ALTO DAS TAXAS DE JUROS REAIS. //

O mercado de crédito continua resiliente, com os fundos de crédito privado registrando uma captação líquida novamente positiva no agregado (fundos não incentivados e incentivados). As emissões no mercado primário registraram R\$65,2 bi em títulos de crédito, atingindo o maior volume de 2025, com o percentual distribuído de 52% (*versus* 64% em maio de 2025). O mercado secundário manteve o crescimento recente dos últimos meses, somando R\$ 95 bi e se aproximando ainda mais do máximo da série histórica de R\$ 97 bi em julho de 2024.

No segmento de papéis não isentos atrelados ao CDI, a média simples dos spreads de crédito apresentou novamente um fechamento. No mercado de IPCA, os spreads sobre as NTN-Bs seguiram em níveis baixos e próximos a zero, e apresentaram uma queda mais acentuada, reflexo da reação do mercado após a divulgação da Medida Provisória 1.303/2025 (ainda não aprovada pelo Congresso), que criou o tributo de 5% para as classes de ativos hoje isentos (LCI/LCA, CRI/CRA) e para os fundos incentivados. Mesmo diante desse cenário atual com os baixos níveis de spread de crédito sobre as NTN-Bs, a demanda para os papéis incentivados segue forte, explicada pela questão do benefício tributário dessa classe de ativos e pelo nível alto das taxas de juros reais.

Para as nossas carteiras de crédito privado que investem primordialmente em ativos indexados ao CDI, continuamos as alocações em ativos com prazo até 36 meses, de forma muito seletiva, e com atuação maior no mercado secundário. Setorialmente, a alocação em títulos de crédito bancário segue com bastante força, fato que se deve à redução do diferencial de prêmio de risco entre os ativos dos bancos e os ativos corporativos não financeiros. Dessa forma, buscamos manter a nossa alocação em ativos de crédito com os prazos médios das carteiras dentro das faixas que estabelecemos, otimizando da melhor forma a relação risco-retorno. Seguimos estrategicamente cautelosos e atuando de modo mais conservador em decorrência dos seguintes riscos percebidos: a incerteza sobre a política fiscal e a execução orçamentária no Brasil, a volatilidade trazida pelas políticas adotadas pelo governo Trump e o rumo da política monetária dos EUA e do Brasil.

Na nossa estratégia de infraestrutura, a alocação em risco IPCA está próxima dos 90%. O prazo médio da carteira é superior ao IMA-B5 em função da menor alocação em títulos até 2025 e maior alocação em títulos no meio da curva, de 2026 até 2030. Acreditamos que os ativos indexados à inflação com uma duration intermediária oferecerão uma ótima oportunidade de diversificação. Pontuamos mais uma vez que o nível atual dos spreads para os ativos em IPCA, mesmo que menores que os observados no início de 2024, associado ao nível ainda elevado da curva de juros real, torna os ativos de infraestrutura atraentes.

RENDA VARIÁVEL



- Marcos Kawakami -

Head Renda Variável

// APÓS A FORTE PERFORMANCE DOS ATIVOS NOS ÚLTIMOS MESES, INICIA-SE A DISCUSSÃO SOBRE SE A BOLSA ESTÁ, DE FATO, CARA. ACREDITAMOS QUE ESSA ANÁLISE NÃO PODE SER FEITA DE FORMA AMPLA OU ATÉ MESMO SETORIAL, MAS SIM ATIVO POR ATIVO. O MOMENTO ATUAL TRAZ PREMISSAS QUE PODEM IMPACTAR SIGNIFICATIVAMENTE O *VALUATION* DAS EMPRESAS. //

Em junho, tivemos a continuidade do movimento positivo observado em maio nos mercados globais, o que levou o índice S&P 500 a atingir novas máximas históricas no final do mês, encerrando junho aos 6.204,95 pontos, com alta de 4,96% no período e acumulando valorização de 5,5% no semestre. Esse desempenho foi impulsionado, principalmente, pela redução das tensões entre o governo norte-americano e outras nações em relação às políticas tarifárias propostas pelo governo Trump.

Nos demais mercados desenvolvidos, o índice MSCI World avançou 4,22% no mês, enquanto o Euro Stoxx recuou 1,18%, impactado pelas tensões no Oriente Médio, em especial pelo confronto entre Israel e Irã. Entre os mercados emergentes, o índice MSCI Emerging Markets subiu 5,65%, impulsionado principalmente pelo forte desempenho dos países asiáticos, com destaque para Coreia do Sul, China e Taiwan.

No mercado de commodities, o mês de junho foi marcado por alta volatilidade nos preços do petróleo. O conflito entre Israel e Irã levou o Brent a ser negociado próximo de US\$ 80 por barril, antes de recuar com a resolução parcial do conflito. Ainda assim, encerrou o mês com valorização de 7,69%, sendo cotado a US\$ 67,15 por barril. Já o minério de ferro fechou o mês cotado a US\$ 94,30 por tonelada, atingindo os níveis mais baixos do ano.

No mercado acionário brasileiro, o Ibovespa encerrou junho com alta de 1,33%, acumulando no ano uma valorização de 15,44%. O índice Small Caps da B3 também teve desempenho positivo, com avanço de 1,04% no mês e ganho de 26,43% no acumulado do ano.

No cenário doméstico, dois temas se destacaram em junho. Em primeiro lugar, o Congresso Nacional derrubou, no dia 25, o decreto que previa mudanças nas regras de incidência do IOF, decisão bem recebida pelos investidores, embora ainda possa haver recurso ao STF. Além disso, no dia 11, foi lançada uma Medida Provisória que, se aprovada pelo Congresso, trará uma série de alterações no sistema tributário.

Outro ponto de destaque foi o fluxo do investidor estrangeiro, que tem sido um dos principais motores da valorização da bolsa brasileira ao longo do ano. Em 2025, até junho, a entrada líquida de capital estrangeiro somou R\$ 25,7 bilhões, sendo R\$ 4,7 bilhões apenas em junho.

Por fim, do ponto de vista setorial, o destaque positivo do mês foi o setor de Telecomunicações, com forte desempenho das empresas do segmento, refletindo um ambiente competitivo mais saudável. Em contrapartida, o setor de Saúde foi o destaque negativo do período.

O fechamento do semestre trouxe boas notícias para os ativos de risco, evidenciado pela sólida performance do Ibovespa, com destaque ainda maior para o Small Caps, que teve um desempenho excepcional. O otimismo em relação aos ativos domésticos se intensifica, especialmente com a valorização do real em relação ao dólar. Embora a taxa SELIC esteja em ascensão, a curva de juros já começa a refletir uma expectativa de corte, impactando positivamente os ativos alavancados e

de maior duração.

Após a forte performance dos ativos nos últimos meses, inicia-se a discussão sobre se a bolsa está, de fato, cara. Acreditamos que essa análise não pode ser feita de forma ampla ou até mesmo setorial, mas sim ativo por ativo. O momento atual traz premissas que podem impactar significativamente o *valuation* das empresas.

Para as empresas alavancadas, por exemplo, é essencial avaliar qual será o nível da SELIC ao longo de 2025 e 2026. Já para os ativos de crescimento, a discussão envolve a taxa de desconto que será aplicada. E para as exportadoras qual nível de câmbio será feita as vendas. No entanto, para chegarmos a essas respostas, precisamos entender o comportamento dos mercados internacionais e os efeitos das eleições de 2026.

Ao olharmos para o futuro, devemos manter um olhar atento à possibilidade de um dólar fraco continuar no segundo semestre e à capacidade do real de manter sua trajetória de valorização, mesmo diante de riscos fiscais que se aproximam. Essa valorização pode repercutir em uma inflação menor, uma vez que os ativos *tradables* se tornam mais acessíveis, favorecendo a economia como um todo.

Ainda assim, ao observarmos o Ibovespa, notamos que o índice permanece um desvio padrão abaixo da média histórica de múltiplos preço-lucro, enquanto o índice Small Caps se encontra ainda mais descontado. Essa análise nos leva a concluir que os índices continuam apresentando um preço atrativo.

A grande questão, porém, envolve o custo de oportunidade, já que os juros reais permanecem elevados. Sem uma redução nos níveis de juros reais, o questionamento sobre a valorização da bolsa persistirá. Portanto, é fundamental monitorar esses fatores para uma avaliação mais precisa do mercado.

A performance positiva do índice IFNC (setor financeiro), que subiu 1,5% em maio, em parte refletiu as tendências positivas do sistema de crédito.

Os dados de crédito de maio, publicados pelo BC, mostraram que o sistema novamente apresentou crescimento sólido, com alta de 11,8% em relação a maio do ano anterior, acima do crescimento esperado pelo próprio BC, em torno de 8,5%. Os spreads totais também subiram, 30 bps em relação ao mês anterior, impulsionados principalmente por pessoas físicas (+40 bps). A inadimplência de 90 dias do sistema permaneceu estável em 3,5% no mês.

O destaque negativo foi a inadimplência no crédito rural pessoa física, que continua subindo mês a mês (+14 pontos-base na inadimplência de 90 dias e 90 pontos na inadimplência de 15 a 90 dias). Esse movimento intensifica as preocupações do mercado quanto aos resultados de Banco do Brasil, que possui maior exposição ao setor.

Portanto, seguimos com um otimismo cauteloso em relação aos ativos de renda variável no Brasil. Prestando atenção nos itens relacionados acima.

FUNDO DE FUNDOS



- João Uchoa Borges -

Head Fundo de Fundos

// **A AUTORIDADE MONETÁRIA CONTINUA SE MANTENDO FLEXÍVEL PARA AGIR DE ACORDO COM OS DADOS MACROECONÔMICOS. MAS, POR ENQUANTO, AINDA NÃO APARECEM REFLEXOS SIGNIFICATIVOS DA POLÍTICA DE TARIFAS SOBRE O COMÉRCIO GLOBAL IMPLEMENTADA PELO GOVERNO TRUMP.** //

O mês de junho ficou marcado pelo acirramento das tensões geopolíticas com ataques entre Israel e Irã. Entretanto, a intervenção dos EUA no conflito trouxe um certo alívio aos mercados financeiros que temiam por uma escalada maior dos embates, com reflexos nos preços do petróleo e um eventual choque de oferta global. Assim, as atenções se voltaram para os dados de inflação, atividade e emprego estadunidenses. A autoridade monetária continua se mantendo flexível para agir de acordo com os dados macroeconômicos. Mas, por enquanto, ainda não aparecem reflexos significativos da política de tarifas sobre o comércio global implementada pelo governo Trump. O próximo mês pode ser importante neste aspecto porque representa o fim do prazo de congelamento das tarifas para negociações bilaterais. Dessa forma, enquanto isso, em junho, os principais mercados acionários apresentaram alta com destaque ao Nasdaq que atingiu novo nível histórico, acima dos 20.000 pontos. As taxas das treasuries não sofreram fechamento relevante e o dólar apresentou um enfraquecimento de cerca de 11% no primeiro semestre.

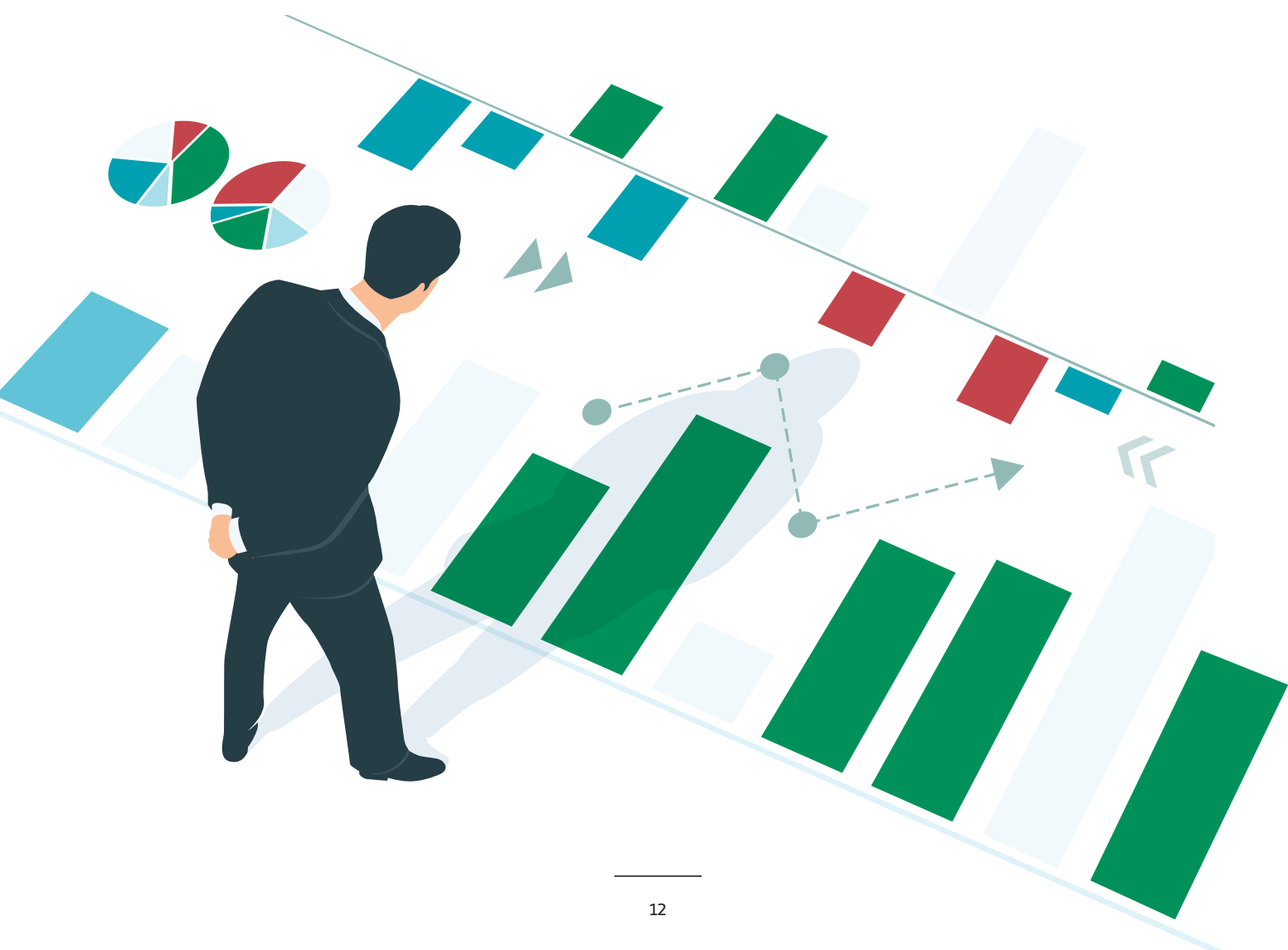
Diante deste cenário, os mercados emergentes foram mais uma vez beneficiados com a saída de recursos dos mercados mais desenvolvidos. Nos mercados domésticos, o fortalecimento do real continua servindo como alívio para a inflação e permitiu o COPOM (Comitê de Política Monetária) anunciar um último aumento de 25 pontos base na taxa básica e indicar uma taxa Selic em 15,00% por um período prolongado. Por outro lado, ainda se verifica um aumento na tensão política entre o executivo e o legislativo, o que traz inquietação aos mercados sobre a perspectiva fiscal. As curvas de juros apresentaram novo achatamento, em especial nas curvas de juros reais.

Mais uma vez, os nossos portfólios com mandatos CDI+ e híbridos apresentaram resultados positivos no mês, com o bom desempenho tanto da nossa seleção de fundos multimercados macro, quanto dos fundos de renda fixa ativa, que se mostraram mais correlacionados entre si nesse movimento de fechamento da curva local de juros nominais. Os ativos que apresentaram desempenho menos significativos foram aqueles ligados aos títulos atrelados à inflação de menor duração, seja pelo efeito de uma inflação mais baixa, seja pelas taxas reais de curto prazo ainda pressionadas. A nossa seleção de fundos Long Short, por sua vez, apresentou um pouco mais de dispersão nos resultados do mês. E por fim, mas não menos importante, a parcela de Ações contribuiu positivamente para os portfólios, conseguindo superar o Ibovespa.

O fim do ciclo de aperto monetário representa um marco importante para os mercados locais, que passa a discutir o momento de início do próximo ciclo de corte de juros. As bolsas continuam sendo beneficiadas pelo interesse dos investidores globais pelos mercados emergentes. Esse movimento ainda ajuda a manter o real mais valorizado e diminui o risco inflacionário. Por outro lado, ainda enfrentamos um ambiente que exige cautela sobretudo por questões geopolíticas no exterior e o enfrentamento entre os poderes locais já mirando o novo pleito eleitoral.

ÍNDICES

	CDI	IRF-M	IMA Geral	IMA-B	IMA-B 5	Dólar	Ibovespa	IBX	SMLL
Junho	1,10%	1,78%	1,27%	1,30%	0,45%	-4,41%	1,33%	1,37%	1,04%
2025	6,41%	10,77%	7,91%	8,80%	6,04%	-11,87%	15,44%	15,23%	26,43%
12 meses	12,13%	11,15%	10,73%	7,32%	8,96%	-1,83%	12,06%	12,11%	11,31%



Este documento foi produzido pelo Banco BNP Paribas Brasil S.A. ou por suas empresas subsidiárias, coligadas e controladas, em conjunto denominadas 'BNP Paribas Brasil', com fins meramente informativos não se caracterizando como oferta ou solicitação de investimento ou desinvestimento de ativos. O BNP Paribas Brasil é instituição financeira regularmente constituída e em funcionamento no país e devidamente autorizada pelo Banco Central do Brasil e habilitada pela Comissão de Valores Mobiliários para a distribuição de cotas de fundos de investimentos. A BNP Asset Management Ltda. é a instituição devidamente autorizada pela Comissão de Valores Mobiliários como prestador de serviços de administração de carteiras categoria gestor de carteira.

Apesar do cuidado na obtenção e manuseio das informações apresentadas, o BNP Paribas Brasil não se responsabiliza pela publicação acidental de informações incorretas, nem tampouco por decisões de investimento tomadas com base nas informações contidas neste documento, as quais podem sofrer mudanças a qualquer momento sem aviso prévio. Esse material não caracteriza nenhuma oferta de investimento. Antes de qualquer decisão de investimento, é obrigatório certificar-se sobre o seu perfil de risco X perfil de risco do produto pretendido, nos termos da regulamentação em vigor. Esse documento contém informações e declarações prospectivas referentes ao BNP Paribas Brasil e ao mercado em geral. Essas declarações não constituem fatos históricos e abrangem projeções financeiras e estimativas, bem como hipóteses sobre as quais estão baseadas declarações relativas a projetos, objetivos e expectativas relacionadas às operações, produtos e serviços futuros ou performances futuras. Essas declarações prospectivas podem ser identificadas pelas palavras «esperar», «antecipar», «acreditar», «planejar» ou «estimar», bem como por outros termos similares; Informações e opiniões contidas neste documento foram obtidas de fontes públicas por nós consideradas confiáveis, porém nenhuma garantia, explícita ou implícita, é assegurada de que as informações são acuradas ou completas, e em hipótese alguma podemos garantir a sua ocorrência. O BNP Paribas Brasil não assume qualquer compromisso de publicar atualizações ou revisões dessas previsões. Este documento foi produzido para uso exclusivo do seu destinatário, não podendo ser reproduzido, ao todo ou em parte, sem prévio consentimento do BNP Paribas Brasil. Caso V.Sa. não seja o destinatário pretendido, qualquer divulgação, cópia, distribuição ou qualquer ação conduzida ou omitida para que se baseie nisso, é proibida e pode ser considerada ilegal. O BNP Paribas Brasil não se responsabiliza por eventual perda causada pelo uso de qualquer informação contida neste documento. Leia a lâmina de informações essenciais e o regulamento antes de investir. Rentabilidade obtida no passado não representa garantia de resultados futuros.

Em janeiro/2025, a Fitch Ratings reafirmou o Rating Qualidade de Gestão de Investimentos da BNP Paribas Asset Management Brasil Ltda. ("BNPP AM Brasil") para "Excelente". A Perspectiva do Rating é Estável. A reafirmação do rating 'Excelente' da BNPP AM Brasil reflete a opinião da Fitch de que a gestora tem capacidade de investimento e características operacionais fortes. Os Ratings de Qualidade de Gestão de Investimentos seguem uma escala Global e são atribuídos em escala descritiva de cinco graus que vão de "Excelente" até "Fraco". Os ratings mais elevados - 'Excelente' e 'Forte' - são aplicados a gestores de recursos que atendam ou excedam os padrões tipicamente aplicados pelos investidores institucionais nos mercados internacionais. A metodologia de Atribuição de Ratings de Qualidade de Gestão de Investimentos da Fitch Ratings foi projetada para sistematicamente capturar, avaliar e reportar os principais atributos da plataforma operacional e de investimentos de um gestor de recursos, focando cinco pilares principais: processo de investimento; recursos de investimento; gestão de riscos; desempenho do investimento; e companhia, incluindo atendimento aos clientes. Para obter informações adicionais sobre a metodologia, acesse o website da agência, 'www.fitchratings.com.br'.

Você poderá acessar a Ouvidoria pelo telefone – 0800-7Des15999 ou através do e-mail: ouvidoria@br.bnpparibas.com – O horário de funcionamento da Ouvidoria é de segunda-feira à sexta-feira, das 9h às 18h. Acesse: brasil.bnpparibas (Administrador) ou bnpparibas-am.com/pt-br (Gestor). MATERIAL DE DIVULGAÇÃO. Julho/2025. CC 23.2025

VIEWPOINT



BNP PARIBAS ASSET MANAGEMENT

O investidor sustentável para um mundo em mudança